

TRADUÇÕES... (Literárias)

À Biblioteca Pública de Braga

25
NOVEMBRO
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: Antonio Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Recordar é Viver TRADUÇÕES... (Literárias)

N.º 5

Museu de figuras, costumes e coisas da nossa terra

A crónica que se segue é a 5.ª duma série de 25 que nos propusemos levar às colunas deste Jornal.

Como o caro leitor terá o ensejo de verificar não move o autor qualquer intenção política ou de crítica

Trata-se de mera descrição histórica, de gentes e de costumes, à laia de arquivo bibliotecário, que como referimos nas anteriores, nos propusemos publicar para conhecimento da gente nova, e para delas se aquilatar das origens do muito que acontece hoje e do que *pode vir* a acontecer como consequência desse passado.

V — As repartições públicas que entre 1912/1925 se encontravam instaladas na Feira Nova

I — A ESTAÇÃO DOS CORREIOS

Foi agora demolido um prédio que já muito contou na vida pública de Amares e onde, por volta de 1912 se encontrava instalada a primeira Estação dos Correios da Vila. Esse imóvel que depois de ser estação dos Correios, teve ali instalada a célebre taberna do Carôlo, é

hoje propriedade do sr. João Barbosa de Macedo.

Foi pena que nas obras que o prédio sofreu antes desta demolição, tivessem sido retirados os dois isoladores do fio do telegrafo que ali se encontravam colados no topo do edifício, do lado da actual Estação de Serviços, ou que tivessem sido guardados como relíquia histórica da primeira Estação dos Correios da Vila, instalada na Feira Nova.

2 — CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL

Também a Conservatória do Registo Predial, esteve instalada na Feira Nova, por volta de 1915/1920 no prédio que veio a pertencer ao falecido Custódio Fontes, hoje da viúva e do Senhor Felix Ribeiro.

O acesso à Conservatória fazia-se pelas escadas laterais que ainda hoje ali existem. O Público ficava na ante-câmara, logo a seguir ao pátio e os arquivos, funcionários e Conservador na sala que se segue. Este prédio tinha ao tempo instalado no res-do-chão um estabelecimento rudimentar, mas um

dos mais antigos e foi recentemente ampliado, dando lugar ao actual e moderno estabelecimento ali existente do sr. Felix Ribeiro.

3 — CARTÓRIO NOTARIAL

O Cartório Notarial, já mais recentemente deixou de existir na Feira Nova, e por isso dele ainda se lembra muita gente, pois foi só cerca de 1925/1927 que ele foi transferido para Amares.

Era notário José João Rosadas Peixoto e o prédio, que ainda hoje mantém toda a arquitectura de então, pertencia ao senhor Menezes, pai, foi herdado pelo senhor António dos Santos Menezes, já falecido.

Actualmente tem instalado o estabelecimento de electro-domésticos «Gasel» de A. Ramos L.da.

O Público era atendido no res-do-chão e dada a exiguidade das instalações o Notário tinha o gabinete no 2.º piso para onde se subia por

Continuana 4.ª página)

Já lá está há anos. Que a sua alma, se de facto se encontra na celestial mansão, descanse no «melhor dos mundos».

Irradiando simpatia, conversador aliciente, discreto, subtil e nada pretensioso, tendo pelo que o ser, Arnaldo Garcia era muito meu amigo. Tão amigo que, sendo dos mais ilustres ornamentos da cidade do Porto, como intelectual, desportista, «gentleman», não se deixava enlevar nas tertúlias pseudo-intelectuais que então polulavam pela cidade, nos cafés, nas conferências, nos clubes chiques, nos salões de chá. Arnaldo Garcia era Arnaldo Garcia e o seu cuidado ia apenas para uma vida rectilínea, sem abjurações, sem polémicas, sem tergiversações. Foi um homem, na acepção da palavra.

Impenitentemente solteiro vivia no meio das mulheres mais belas e mais inteligentes da urbe. Mas nunca pensou em se poder amoldar à simpatia de qualquer delas. Por isso, Arnaldo Garcia, com a sua alta cultura, não só adquirida pelos conhecimentos de umas quantas cadeiras da Universidade, mas também pela sua dedicação inteira às línguas inglesa,

francesa, e alemã, sendo alma de eleição era, ainda, um dos primorosos tradutores de vários clássicos estrangeiros, sob pseudónimo, tal o desejo de se apagar e a incerteza da perfeição do traduzido. Esta verdade conheci-a eu! A relutância, tantas vezes demonstrada na pressa com que os editores lhe solicitavam a colaboração — e eu assisti a isso — fê-lo recusar chorudos proventos por traduções. Mesmo aí mostrava verticalidade insuperável!

O leitor deve estar admirado deste panegírico de uma pessoa de quem nunca ouvira falar. A razão explica-se com a transcrição do «suelto» inserto no «Jornal

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Eu sei que a coisa se passa para os lados de Santo Tirso, mas confesso não saber aonde existe semelhante ratoeira automobilística. Seja aonde for precisamos de pôr outra questão que nada tem com esta.

Há anos, para os lados da Suíça, também não me recordo em que terra a coisa se deu, aconteceu um terrível acidente com determinado alpinista. O local era um bécio sem saída, onde o homem se metera e com todos os rigores da sua conhecida vivacidade em transe semelhantes, dado o treino que possuía, dada ainda a sua audácia e capacidade desportiva, não lhe era possível conseguir sair da posição onde se firmara. E, tal qual o que está a acontecer na ratoeira tirsense, uma quantidade enorme de curiosos postou-se frente ao acontecimento, cá de baixo, olhando o cimo do monte, na expectativa de que o homem se precipitasse no abismo, para gozar o espectáculo.

Creia, Leitor, que isto passou-se na Suíça, o tal país onde a valoridade cívica é irrepreensível — segundo dizem.

Pois em Santo Tirso, informa o correspondente dum jornal diário do Porto, exis-

(Continua na 4.ª página)

O ZÉ VELHO

Por Narciso José Gonçalves

Nem sempre o nome das coisas nos diz o que elas são na verdade. Nanjá que o Zé Velho seja uma coisa!... É um homem, e dos autênticos.

«Velho», como adjectivo qualificativo, mostra nos o objecto, coisa ou animal, racional ou irracional, que qualifica, logo à primeira impressão (mesmo sem ser visto — basta imaginá-lo) como sendo algo que perdeu predicados — eu sei lá!... — se era brilhante tornou-se baço; se quente, fez-se frio; se activo, converteu-se em inerte; se alegre, apoderou-se de si a tristeza; se másculo e destemido, vê-se subjugado pela fraqueza, quiça derrotado pelo medo, etc. Porém, o amigo de que me vou ocupar nesta crónica, não perdeu tais predicados. Não vou, certamente, chamar-lhe jovem, pois já desfez a curva dos cinquenta — e fê-lo sem desarrapar, por ser bom volante — e caminha muito senhor da sua condução na recta final dos *Enta, Enta...* E aí vai

(Continua na 4.ª página)

Boas notícias do Concelho

Foi esta semana lavrado o contrato entre a Junta de Colonização Interna e a Cooperativa Agrícola de Amares pela qual é concedido o empréstimo pedido para compra dos terrenos. Já foi feito o registo do contrato aguardando-se que dentro de dias sejam feitas as escrituras.

* * *

Reuniu, ontem, o Conselho Geral do Grémio da Lavoura. Foram reiteradas as directrizes quanto às soluções concelhias através da Cooperativa. Daremos notícias no próximo número.

* * *

A-fim de constituir um Clube que se denominará «Ombrá Clube», houve, ontem, uma reunião dos seus futuros sócios. Deliberado nomear uma comissão. Aprovado o projecto do edifício que se pretende erguer no lugar de Ombrá, nas margens do Cávado. Falaremos do assunto para a semana.

* * *

Tudo leva a crer que teremos em breve um matadouro municipal. Obra sem peias nem burocracias, para seguir imediatamente. Já há terreno e planta e deve ser uma realidade em breve.

VIEIRA DO MINHO

5.ª COLUMNA

(Continuado da 1.ª página)

O Imposto de Trabalho

Consta que vai ser apreciada afim de ser aprovada ou não, a medida que impõe o imposto de trabalho, á pouco abolida. A concretizar se, tal medida é impopular, tanto mais que nem sempre beneficia aqueles que para ela contribuem. Assim temos a freguesia de Soengas, que não obstante os longos anos que contribuiu para esse imposto, hoje ainda não tem energia, fontes ou caminhos.

Outrora, o caminho que do centro vem ligar á estrada de Caniçada, e goza as honras de «caminho público» era consertado pelo Júlio do Penedo e outros utentes com a necessidade de escoar os produtos agrícolas. Falecido aquele e outros, tal caminho está impraticável. Só um tractor com o risco de acidente ali poderá transitar.

Lembra-me, que antigamente, uma avó ou madrinha, nos anos de aniversários, era costume dar uma camisa de linho ou estôpa ao neto ou afilhado. Pois é mais ou menos o que acontece a Soengas. Tem uma escola (vá lá!) e um estradão sem técnica de pavimento térreo impróprio para veículos automóveis ou de tracção animal. O autor destas linhas que é tido como condutor prudente, já não tem conta as vezes que se despista numa curva, que pode ser considerada «curva de morte». Na Câmara de Valongo foi sugerida a oferta grátis de plantas para os interessados na construção de prédios e ainda assistidos gratuitamente dos serviços técnicos. — O Governo de Marcello Caetano, aprovou um Decreto que prescreve deixar de estar sujeito a licenciamento de deliberação municipal uma quantidade de obras simples indo ao ponto de admitir, até obras de um só piso, quando se destinem a exploração agrícola. É nestas atitudes que se nota o espírito e desejo de contribuir para o desagravamento dos povos. Ora o imposto de trabalho colide com tal pensamento.

Inocência Dias

**Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162**

te, de facto, uma curva perigosíssima e, quando a estrada ainda mais acentua viscosidade em consequência de chuvas, é fatal haver derrapagens, pondo à prova a perícia dos condutores, ou, infelizmente, pondo à prova o serviço dos bombeiros de Santo Tirso, na busca e transporte de feridos para o Hospital.

E que acontece? Apenas isto: quando chove, principalmente, os moradores da localidade vêm às portas e janelas para verem os veículos derraparem ou enfiarem-se naquela fatídica parede que serve de parapeito à referida curva...

O correspondente informa, mas não comenta, o facto. Apenas apela para as autoridades ou entidades competentes, a fim de sinalizarem convenientemente o local, com placas bem visíveis, pois os acidentes são frequentes.

Eu disse não quis falar. Quero apenas pôr a descoberto o prazer da emoção da gente do sítio, vindo gozar o espectáculo do provável acidente. Tal como no célebre caso suíço.

É que o mundo está assim, Leitor.

EME ABRIL

**Leia
Propague e assine**

«Tribuna Livre»

Notícias de Goães

Foi no passado domingo, dia 19, que na dita freguesia os chefes de família fizeram-se reunir no salão paroquial, para pôr em prática o assunto de arrajarem uma sala para efeito de uma escola primária provisória.

Com a presença da professora primária, que para bem de todos se deslocou a Goães, para pedir aos chefes de família, não só que autorizassem, mas sim para que ficassem ao par do que se passa com os alunos.

É um número bastante elevado de alunos que frequentam a escola, tanto de manhã como de tarde, e as professoras, não podem dar o rendimento preciso que os ditos alunos necessitam.

— Dessa famosa reunião que então se fez, o resultado foi negativo. E a professora, veio embora, aborrecida, por não ser atendida, nem ao menos escutada. Pois um grupo de três pessoas, o qual nem era chefe de família abriram a boca, fazendo com que a reunião findasse e nada se resolvesse.

É triste trabalhar assim com pessoas, que francamente não sabem o que fazem, e ainda por cima fazem os outros estúpidos—Que Deus tenho compaixão deles.

— Mas é realmente muita a necessidade de arranjar uma sala para um certo número de crianças.

Era na sala da Confraria das Almas, que essa escola podia funcionar, pois não havia qualquer inconveniência nem razão para dizer que não está bem.

— Quem melhor que o Pároco sabe se está bem ou não?

Será um homem do campo que conhece as Leis da Igreja melhor que um Padre? Não me parece. Mas como o diabo anda pelo mundo para tentar as almas, em Goães não será demónio, mas coisa boa também não deve ser.

Pois que não achem bem, estou de acordo, mas ao menos que não prendam os outros ao pensamento deles.

Ficaremos por aqui, mas pedimos, para que seja boa a ideia de cada um desses, que para bem de todos trabalhem.

E para os que estorvam também nunca o mal seja desejado, porque seja amigo, ou inimigo o bem deseja-se sempre.

Oxalá que uma sala se arranje, pois o bem é para todos.

C.

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

possa fazer qualquer coisa mais digna de si. Isto não o deve surpreender. A minha voz tremia, pois sentia ser impossível evitar o choque. « Não se lembra de eu lhe ter dito, quando, na noite tempestade, me fui sentar na sua cama, não haver nada no mundo que eu não fosse capaz de fazer por sua causa?

— Lembro, lembro! Miles, por sua vez, tinha uma voz de quem se domina; mas, nisso, era ele mais feliz do que eu, pois, rindo no meio da sua gravidade, parecia querer aparentas estarmos gracejando alegremente. « Isso era apenas, penso eu, para me obrigar a fazer qualquer coisa por si!

— Em parte era o obrigar a fazer qualquer coisa! concordei. « Mas, bem sabe, o menino não a fez.

— Oh, sim, disse ele com a vivacidade mais brilhantemente superficial, « queria que eu lhe dissesse qualquer coisa.

— Era isso. Vá, andei! O que o menino tinha no seu pensamento, compreende?

— Ah, então foi por isso que ficou?»

Miles falava com uma jovialidade através da qual pude ainda apreender o mais fino estremecimento de ressentida paixão; mais é-me impossível explicar o efeito que teve sobre mim o eu concluir ir haver uma rendição, embora ainda muito tímida. Era como se aquilo porque eu tanto ansiara tivesse chegado, por fim, apenas para me causar surpresa.

« Sim, é isso — igualmente o posso confessar. Era mesmo por esse motivo. »

Esteve calado tanto tempo que lhe supus a intenção de rejeitar a conjectura sobre a qual a minha conduta havia sido fundada: mas o que disse finalmente foi: « Quere dizer agora — aqui?

— Não pode haver melhor lugar nem melhor momento, » Miles olhava em torno dele, inquieto, e eu tive a rara — oh, a estranha! — impressão de ser aquele o primeiro verdadeiro sintoma da aproximação do medo próximo. Era como se ele ficasse de repente com medo de mim o que me deu a impressão, de ser a melhor maneira de o dominar. Todavia, senti vã a própria angústia que eu punha

no meu esforço para, graças a ela, conseguir um ar severo, e ouvi-me a mim própria, momentos depois, tão branda que devo ter parecido no meu esforço para, graças a ela, conseguir um ar severo, e ouvi-me a mim própria, momentos depois, tão branda que devo ter parecido quasi ridícula.

« Tem assim tanta necessidade de se ir embora outra vez?

— Muita! » sorriu-me, horóricamente, e a tocante audáciazinha que isto representava foi realçada pelo rubor que a aflição agora lhe fazia subir às faces. Tomara o chapéu, que tinha pedido, e ficara, de pé, fazendo-o girar de uma maneira que me deu a medida, mesmo estando agora a aproximar-me do porto, da coisa horrível que eu estava a fazer. Fazer tal coisa era de qualquer forma, um acto de violência, pois em que consistia esse acto senão da usurpação da ideia de vulgaridade e de culpa na pessoa de uma criaturinha desamparada que fora para mim a revelação das possibilidades de um formoso convívio? Não seria uma baixeza criar num ser tão inocente uma gaucherie que lhe era desconhecida? Julgo compreender agora a nossa situação com uma clareza impossível naquela altura, pois parece-me ver os nossos olhos iluminados já com uma antecipada centelha de angústia por vir. Assim iam circundando o problema, cheios de terror e escrúpulo, tal qual como dois lutadores que não ousam bater-se. Mas tínhamos medo um do outro! Foi isso que nos fez permanecer um tanto mais suspensos e sem luta.

« Dir-lhe-ei tudo, » disse Miles. « Devo declarar-lhe que não direi nada do agrado da Miss. Ficará na Minha companhia, e dar-nos-emos bem e eu dir-lhe-ei — dir-lhe-ei. Mas não agora.

— Por que não agora?»

A minha insistência voltou-o contra mim, fazendo com que, uma vez mais, se deixasse ficar à janela, num silêncio tão profundo que se poderia ouvir cair uma gota de água. Depois vi-o de novo diante de mim, com o ar de uma pessoa esperada lá fora por alguém com quem precisasse de ajustar contas.

« Tenho de ir ter com o Luke. »

Ainda o não apanhara numa mentira tão vulgar, e senti-me envergonhada à proporção. Mas, por mais horrendo que isso fosse, a verdade era aquela mentira vir completar o que eu sabia. Pensativamente, remotei mais um ponto no meu bordado.

« Bem, vá então ter com o Luke. Eu ficarei à espera que cumpra a sua promessa. Mas, voltando ao mesmo assunto, peço-lhe: responda-me, antes de se ir embora, a um pedido muito mais pequenino. »

Olhou para mim como se sentisse que o seu êxito fosse bastante para lhe permitir uma pequenina concessão.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Luís Adolfo de Sousa

Regressou ao Rio de Janeiro onde intercala a sua vida de abastado proprietário nas duas Pátrias este querido filho do Concelho de Amares, ex-funcionário público e público e destacado colaborador da Tribuna Livre.

No momento da despedida evidenciamos a grande Nação da América do Sul aonde a língua de Camões é um sintoma inalterável da grandeza de Portugal. Por lá passei grande parte da minha juventude. Por lá deixei e trouxe saudades.

O Brasil é um laboratório em permanente estudo dos valores aproveitáveis ao seu progresso. É um campo aberto à vastidão de etnias que o procuram sem discriminações. Tudo o que é bom e estimado ajudado e aproveitado. Do caldeamento rático surgiu o espantoso desenvolvimento do comércio e da indústria.

Para nós portugueses é uma segunda Pátria é como uma mãe que procura o filho querido. Em todos os Estados da Federação temos a presença intelectual de Portugal através de escolas que nos dão a riqueza que não levamos. Professores Brasileiros servem com amor e carinho a cultura dos espíritos embrionários das gentes oriundas de países monopolizantes das qualidades do vulgar cidadão sem protecção ou facilidades de acesso às escolas superiores.

Foi Portugal um dos países Europeus que mais monopolizou a ciência humana. Foi o Brasil que fez a descoberta dos valores abandonados. Isso deve-se à imigração espontânea que mostra que a liberdade condicionada de pois da maioridade não se adapta à vontade de qualquer cidadão livre.

O Sr. Luís Adolfo de Sousa mostra vários diplomas e condecorações valiosas do resultado dos seus estudos assinados pelos maiores professores e intelectuais. A pasta do querido amigo é um manancial da ciência perdida se no Brasil não encontrasse quem a aproveitasse. O prestimoso cidadão está a dignificar as qualidades ráticas e a olhar para Portugal que agora acabou com as monopolias para prosseguir no caminho da civilização dos seus filhos de qualquer condição social.

Protecção à Lavoura

Novas medidas vão ser postas em prática para amparar os lavradores medianos que são quase todos do nor-

te de Portugal aonde menos se tem sentido o efeito da crise porque não recorrem ao braço especializado que desapareceu quasi por completo.

Os salários que se pagam são precisos à sobrevivência do trabalhador agrícola mas incompatíveis com os rendimentos agrários visto os preços só subirem quando nada há para vender.

As cooperativas agrícolas polivalentes postas em prática pelo distinto Engenheiro Vasco Leonidas durante a sua permanência no Ministério da Economia e agora seguidos pelo seu sucessor por não ver outra forma de salvar a Nação da sua principal célula vital, são limitados a determinado número de proprietários com largas áreas para cultivo que se transformavam em montados se as cooperativas deixassem de existir. Assim e muito bem, o professor Macello Caetano ordenou que fosse criada uma comissão de peritos para dentro de 90 dias se pronunciar sobre a forma como se há-de facilitar o crédito a essa gente de forma que possa obtê-lo sem esfacelar o património para pagar ao credor aquilo que não é possível sem a alienação total das contas. Vai-se viver com mais tranquilidade, vai-se trabalhar com mais gosto porque apareceu quem salve da miséria uma classe desprotegida e entregue a si própria e à ganância dos usurários que dormiam tranquilos a lutar já com mais uma terrinha por dividir que o dono não podia salvar. O mesmo vai ser feito á classe piscatória para que não falte peixe em Portugal porque é também uma arte das mais perigosas e cheia de surpresas desagradáveis, ou porque nada pescassem, ou porque se pescassem muito, o peixe perdia o valor relativo à despesa que os empresários fazem para manter as frotas.

A nação nem é dos governantes nem é dos governados e porisso temos de nos juntar todos para resolver os problemas e solucioná-los de acordo com as necessidades da população. A visão governativa revela um sentimento de dignidade e capacidade garantindo estabilidade pacífica e respeito absoluto pelo talento do professor Marcello Caetano que do sossego anda divorciado.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carracedo Amares

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, dia 25, passa o aniversário natalício do nosso assinante ausente em França, sr. Nelson José de Sousa.

Amanhã, 26 o menino Francisco do Nascimento Gonçalves Dias.

No dia 27 a menina Maria Madalena da Silva Dias.

No dia 28 o sr. António Batista Macedo Fernandes e a sra. D. Luzia de Castro Taveira, esposa do nosso assinante sr. Carlos Augusto Taveira, residente no Brasil.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

Aniversário

No passado dia 22 festejou o seu 1.º aniversário natalício a menina Maria Alcina da Silva Ribeiro, filha querida do nosso assinante sr. José dos Anjos da Silva Ribeiro e de sua esposa sra. Amélia de Jesus da Silva, naturais e residentes em Cairns. Tribuna Livre deseja-lhe muitas felicidades no futuro e felicita seus paizinhos.

Do Canadá

Aniversário

Amanhã, dia 26, passa mais um aniversário natalício o nosso estimado assinante sr. António José da Costa Machado, ausente há muitos anos no Canadá, filho da sra. D. Eva Machado.

Ao felicitar-mos o António, enviamos-lhe por intermédio da Tribuna um abraço de sua mãe que se encontra entre nós em gozo de férias e que lhe deseja que passe um aniversário muito feliz junto de sua esposa e filhinhos e também de toda a família Machado do Canadá.

Tribuna Livre cumprimenta o aniversariante, e deseja que breve o António faça um visita à terra que o viu nascer, visitar amigos e admirar a terra que deixou e a terra que irá encontrar completamente transformada com o progresso.

Telefone dos Bombeiros de Amares — 62162

EDITAL

Eleição dos Representantes dos Caçadores na Comissão Venatória Concelhia

Doutor Paulo Rebelo Barbosa de Macedo, Presidente da Câmara Municipal do concelho de Amares

FAÇO SABER que de harmonia com o determinado na Portaria n.º 23 395, de 30 de Outubro de 1969, se procederá no próximo dia 26 de Novembro, pelas 10 horas, na sala das reuniões desta Câmara Municipal, à eleição dos TRES representantes dos caçadores do concelho, para conjuntamente com o presidente da Câmara Municipal, que presidirá, por um representante da lavoura, e por um representante do turismo, se constituir a COMISSÃO VENATÓRIA CONCELHIA a entrar em exercício no dia 1 de Janeiro próximo.

São eleitores dos representante dos caçadores e elegíveis para os respectivos cargos, os indivíduos maiores de 21 anos, devidamente habilitados para o acto venatório, que comprovem nunca terem sido punidos por qualquer das infracções da lei a que corresponde a pena de inibição de caçar ou por caçar por forma ou em local proibido, que residam na área correspondente e não exerçam a caça profissionalmente ou actividades industriais ou comerciais a ela ligadas.

Convido portanto todos os eleitores inscritos a comparecerem no dia, hora e local designados, para o indicado fim.

Depois da segunda chamada haverá uma hora de espera, finda a qual se procederá ao apuramento e proclamação dos eleitores.

Se por falta de número legal de eleitores não for possível proceder à eleição, esta realizar-se-á no domingo imediato (dia 3 de Dezembro) à mesma hora e local designados, com qualquer número de eleitores.

AMIGOS DA APÚLIA

Os amigos da Apúlia residentes em Braga, e que todos os anos o mês de Setembro passam naquela praia, reuniram-se no passado domingo no Restaurante Milho Rei, desta Vila, num almoço de confraternização.

Composto por pessoas gradas da cidade de Braga, Os Amigos da Apúlia passaram um dia entre nós, alegres e bem dispostos, já que para isso correspondeu a opípara mesa com que o Milho Rei costuma brindar quem nos visita.

Telefones para serviços

DF — URGÊNCIA



Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor duardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.Mta.)	62163
Bombeiros Voluntários de Amares	62162

Recordar é Viver

Continuado da 1.ª página»

uma estreita escada, que ainda hoje lá existe.

Este cartório quando foi transferido para Amares, foi parar à casa onde hoje é a residência paroquial e por curiosidade referimos que à data era ajudante do notário o senhor António Joaquim Vieira, que depois seguiu a carreira de escrivão dos Tribunais, e que hoje tem no Concelho o seu nome bem gravado como grande benemérito.

4 — CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL

A Conservatória do Registo Civil de que era ao tempo ajudante, ou funcionário superior o nosso avô materno António de Almeida Barbosa, e também o José Felix, esteve também instalado no largo da Feira Nova, no prédio que hoje é pertença do senhor Álvaro Gomes.

O acesso fazia-se por uma escadaria de pedra com corrimão de pedra lavrada, encimada por um lindo alpendre, que foi pena ter desaparecido, porque era lindíssimo. Essa escadaria localizava-se junto ao prédio que hoje é do senhor Belmiro Carvalho, onde esteve instalada a padaria e hoje é ocupado pelo Café Stop que tanto honra a nossa terra.

5 — GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Também o primeiro Quartel da G. N. Republicana, esteve instalado na Feira Nova e aqui se manteve por muitos anos, instalado no sóbrio edifício da Lage, hoje propriedade do sr. Felisberto Barbosa de Macedo. A sua transferência para Amares, por imposição das autoridades de então, teve grande oposição dos Comandos da G. N. R. pois as instalações que lhes eram oferecidas lá, no prédio do falecido João Manuel da Silva (Carteiro) por trás da Capela da Senhora do Amparo, de então, hoje Igreja Paroquial, eram incomparavelmente inferiores, e a sua permanência era mais necessária aqui, com a feira e o centro mais populacional e comercial do Concelho.

Não obstante todas as razões evocadas e as reclamações do comércio apresentadas, o Quartel foi transferido para lá por volta de 1935 e ali foram encurralados, não obstante as dispendiosas obras feitas. Voltou para a Feira Nova por falta de instalações condignas.

Esclarecimento ilucidativo

Estas repartições estavam instaladas na Feira Nova,

não só por comodidade dos povos, mas também porque não havia em Amares onde as instalar. Como já aqui foi salientado noutra destas crónicas, há cerca de 60 anos Amares não tinha o largo do lado sul, nem nenhuma das casas de toda a ala nascente, pois ali era o laranjal do Passal. A casa do senhor Joaquim António da Silva era uma velha e pequena casa onde morava o Velho Lopes Carcereiro, a casa do João Cesteiro não era nada daquilo, a casa do sr. Fernando Araújo e das fazendas não existiam, etc etc, e as restantes 8 casas da parte central da Vila, eram para os poucos moradores. Por isso não havia onde instalar as repartições e d'aí elas terem vindo para a Feira Nova, grande centro desde sempre.

A imposição da transferência dessas Repartições para Amares, deu-se posteriormente à Presidência da Câmara pelos chefes da Casa de Santo António, e logo que a autoridade administrativa recaiu em gente de Amares.

A transferência quase pela força e por meros fins políticos dessas Repartições não obstante a falta de casas já apontada, provocou a péssima instalação dos serviços.

Só assim se concebe que a Repartição de Finanças fosse

instalada onde hoje é o Cartório Notarial, ocupando a sala do 2.º piso; que a Conservatória do Registo Predial fosse instalado no prédio por cima da actual fábrica de móveis sem qualquer condição; que o Notário estivesse numa pequena sala da actual residência Paroquial; e a G. N. R. onde já se disse etc. etc..

A furiosa leva das repartições, bem sucedida, não obstante as reclamações e os choques havidos, havia de levar como também aconteceu, e dela daremos nova crónica, à transferência pela força da nossa Feira Semanal, para Amares, tendo a Guarda montada a cavalo por imposição da Câmara levado na sua frente à ponta de espada, público, feirantes e carroças, e metido na cadeia alguns comerciantes, recalcitantes, não obstante isso ser a vida da própria vida do centro mais importante do concelho.

A deserção do público, dos feirantes e dos tendeiros, liquidou a Feira em Amares, e 3 semanas depois ela estava aqui novamente, por rendição à evidência, mas essa furiosa decisão, constituiu uma das páginas mais duras e sombrias, dum política de força que deixou cicatrizes profundíssimas.

P. B. X.

O Zé Velho

(Continuado da 1.ª página)

o Zé Velho, de seu nome de baptismo, José Manuel Barbosa de Macedo, nado e criado na Feira Nova.

Eu penso que o epíteto vem do facto de, ainda muito novo, ter sido assaltado por um nevão que lhe encaneceu precocemente a cabeça. Já indaguei junto dele mas, sempre com o seu sorriso de «grande trabalhador», fechou-se em copas e pouco consegui saber.

Há, até, quem lhe chame o Zé da Caixa, não porque faça parte de qualquer grupo executor de música, ou seja tocador de «Caixa» em algum agrupamento artístico, mas apenas por ser funcionário, aliás muito válido e prestimoso, da nossa Caixa de Crédito Agrícola Mútuo. Há, mais, quem lhe chame o Zé Pereira. Ora, aqui, caro leitor, é que não encontro explicação. Mas seja como for, o certo é que não se trata de figura caricata, ou seja, aquilo que vulgarmente se denomina por figura típica de uma terra, à laia das crónicas de Penafiel... Pelo contrário trata-se de pessoa normal e bastante útil, oriundo de uma família que muito considero e respeito pela sua acção decisiva em prol do progresso da nossa terra comum.

À parte um pouco de teimosia, sempre que este ou aquele assunto não seja resolvido dentro das normas da melhor razão — isto no seu entender — o meu amigo pode considerar-se paradigma do bom cidadão, bom marido e bom chefe de família.

Há anos que vem exercendo o cargo de Secretário da Junta de freguesia e vive intensamente os problemas da sua terra, que trás no coração.

Modesto, é homem simples e bom, porque despido de preconceitos sociais, e passam-se com ele horas saudáveis de conversa, em apetecíveis fins de semana.

Fica, pois, aqui a minha admiração pelo Zé Velho e um voto de saúde, extensivo aos familiares, sobretudo ao filho Manuel e mano Felisberto (o Pedro), ausentes na Califórnia.

Banda dos Bombeiros V. de Amares

Da Direcção da Banda dos B. V. A. recebemos, com pedido de publicação, o seguinte:

1.º — Que foi contratado novo regente, que é o Ex.º Sr. Constantino Ramada, professor de música, residente em Ovar. Trata-se de pessoa competente, pois foi músico militar aos 16 anos e é compositor de marchas e rapsódias.

2.º — Que no dia 8 do próximo mês de Dezembro (Dia Santo), terá lugar uma festa de convívio, entre a Direcção, novo Regente e todos os componentes da Banda, cujo programa é o seguinte:

Às 9,30 horas, concentração na Feira Nova;

Às 10 horas missa de acção de Graças a Nossa Senhora; (cantada)

Ao meio dia, almoço de confraternização (oferecido pela Direcção), num dos restaurantes da localidade.

A estes actos dignar-se-á assistir o Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal e outras autoridades locais.

A DIRECÇÃO

TRADUÇÕES (Literárias)

(Continuado da 1.ª página)

do Comércio», a propósito de tradutores, que hoje superabundam nas editoriais e que são classificados e não qualificados, pois o dinheiro que auferem pelas traduções é a décima parte do que outros percebem, mas que «percebem» da língua traduzida.

Leiamos:

«PARECE que sim, que é verdade. Jurava-mo, há pouco, justamente indignado, o meu amigo Silva Pinto, com esta ofensa às letras pátrias. Pode lá ser, asseverava ele, que um livro de uma colecção com aspirações tenha feito uma coisa daquelas?»

Como eu não conhecia a coisa a que o Pinto se referia, olhava, pasmado e intrigado, ansioso por conhecer o motivo de tamanha indignação.

O Pinto veio ao encontro do meu anseio e adiantou: pode lá ser um cadáver metido em cerveja?

Mas — sublinhava o meu amigo — é lá admissível que um morto arranhe a tampa da cerveja?

Que se passaria afinal?

O Pinto respirou fundo e elucidou: um livro recente, traduzido do francês depois de o ter sido do inglês, teve a desdita de encontrar um mau tradutor ou tradutora. E este ou esta confundiu um

termo muito parecido com «bière», que em português dá cerveja, com outro, o autêntico, que significa caixão ou ataúde.

O «morto», que na história só o está de modo aparente, foi metido na cerveja e não no caixão como quis o autor do livro.

As asneiras sucedem-se a partir daqui pois o «morto», na descrição da aventura, deve arranhar a tampa do caixão e como o tradutor ou tradutora o meteu em cerveja, não houve outro recurso que não fosse pô-lo a arranhar a tampa da mesma...

Um morto, salvaguardado o respeito devido à família, pode meter-se em qualquer sítio, porque não se queixa.

Metê-lo em cerveja, mesmo numa história, não lembraria ao diabo.

E o certo é que a asneira até passou à revisão, por azar do «morto» ou dos vivos que não deram por ela.

A. A.

Eis a prova provada dos torpes meios de que se serve a produtividade literária para difundir cultura no nosso país, e que virá a ser das actividades mais prementes que a futura Sociedade de Escritores, em organização, deve ocupar-se com afinco.

MILITÃO PORTO